

O pátio no Brasil: da casa moderna à contemporânea

El patio en Brasil: de la casa moderna a la contemporánea

The courtyard: from the modern to the contemporary house in Brazil

COSTA, Ana Elísia da

*Doutora, Professora Adjunta da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
ana_elisia_costa@hotmail.com*

COTRIM, Marcio

Doutor, Professor Adjunto da Universidade Federal da Paraíba, marciocotrim@gmail.com

RESUMO (100 a 250 palavras)

Este texto centra-se nas particularidades do pátio na produção residencial de vinte e cinco escritórios brasileiros, eleitos em 2010, por um grupo de críticos, como sendo a “nova geração da arquitetura brasileira”. Dos projetos aqui estudados, treze estão em lotes estreitos e profundos. A dificuldade de consolidar casas com pátio em lotes com deste tipo foi abordada por Gio Ponti em 1953, na revista *Domus*, no texto “Idea per la Casa dell dottor T a San Paolo”. O projeto de Ponti publicado na revista vinha ao encontro de experiências que outros arquitetos italianos já vinham enfrentando em São Paulo desde as décadas de 1940 e 1950, como Daniele Calabi e Giancarlo Palanti, por meio de algumas de suas casas.

No caso destes arquitetos, o desejo de criar através do pátio um microcosmos doméstico, seguro e privado, possivelmente era uma resposta às discussões da arquitetura moderna italiana, pelas quais esses arquitetos buscaram conciliar o vocabulário mediterrâneo (vernáculo/clássico) e o moderno. Simultaneamente às experimentações realizadas em solo brasileiro por arquitetos italianos, o pátio se fez também presente na produção de arquitetos brasileiros em São Paulo, como Rino Levi, Vilanova Artigas e Oswaldo Bratke. Independente da filiação ítalo-brasileira, os arranjos tipológicos experimentados nos anos 1940, 1950 e 1960, sedimentaram soluções nas quais o pátio assume papel fundamental. Como hipótese, acredita-se que essas soluções ressonem – no modo de ocupar a parcela, no nexos entre as diferentes partes e setores, ou ainda pela forma de relacionar interior e exterior – na arquitetura produzida hoje no Brasil por jovens arquitetos.

PALAVRAS-CHAVE (3 a 5): pátio, casa, arquitetura contemporânea.

ABSTRACT (100 to 250 words)

*This text focuses on the patio particularities in the residential production of twenty-five Brazilian offices, elected by a group of critics in 2010 as the "new generation of Brazilian architecture." From the designs studied, fourteen are located in narrow and deep lots. The difficulty of consolidating courtyard houses on these type of lots was approached by Gio Ponti in 1953, in *Domus* magazine, in the text "Idea per la Casa dell dottor T San Paolo". The Ponti's design published in the journal came to the meeting of experiences that other Italian architects were already facing in São Paulo since the 1940s and 1950s, such as Daniele Calabi and Giancarlo Palanti, through some of their houses.*

The desire to create a microcosm through the courtyard, domestic, private and secure, was possibly an answer to discussions of modern Italian architecture, in which these architects sought to reconcile the Mediterranean vernacular the classic and the modern vocabulary. Simultaneously with the experiments carried out on Brazilian soil by Italian architects, the yard became also present in the production of Brazilian architects in São Paulo, such as Rino Levi, Vilanova Artigas and Oswaldo Bratke. Regardless of the Italian-Brazilian affiliation, the



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

typological arrangements experienced in the 1940s, 1950s and 1960s, sedimented solutions in which the court takes a key role. As a hypothesis, it is believed that these solutions resonate – in the way the portion is occupied, in the link between the different parts and sectors, or in the form of relating the interior and the exterior - in the architecture produced today in Brazil by young architects.

KEY-WORDS (3 a 5): *house, contemporary architecture, courtyard, Brazil*

RESUMEN (100 a 250 palabras)

Este texto se centra en las particularidades del patio en la producción residencial de veinte cinco estudios de arquitectos brasileños, elegidos en 2010 por el grupo de críticos, como siendo la "nueva generación de la arquitectura brasileña." De los proyectos estudiados aquí, trece son en parcelas estrechas y profundas. La dificultad de consolidar casas con patio en parcelas de este tipo fue tratada por Gio Ponti en 1953, en la revista Domus, en el texto "Idea per la Casa dell dottor T San Paolo". El proyecto de Ponti publicado en la revista vino de encuentro a las experiencias que otros arquitectos italianos ya se estaban enfrentando en São Paulo desde la década de 1940 y 1950, como Daniele Calabi y Giancarlo Palanti en algunos de sus proyectos residenciales.

Para estos arquitectos, el deseo de crear por medio del patio un microcosmos interno, seguro y privado, fue posiblemente una respuesta a los debates de la arquitectura moderna italiana, en el que estos arquitectos buscaran conciliar el vocabulario Mediterráneo (vernáculo / clásico) y lo moderno. Simultáneamente los ensayos llevados a cabo en suelo brasileño por arquitectos italianos, el patio se hizo también presente en la producción de arquitectos brasileños de São Paulo, como Rino Levi, Vilanova Artigas y Oswaldo Bratke. Independientemente de la afiliación italiana-brasileña, los esquemas tipológicos de los años 1940, 1950 y 1960, ha sedimentado soluciones en las que el patio asumió un papel clave. Como hipótesis, se cree que estas soluciones repercuten en la arquitectura producido hoy en Brasil por jóvenes arquitectos

PALABRAS-CLAVE: *patio, casa, arquitectura contemporánea,*

INTRODUÇÃO

O lote estreito, alongado e de meio de quadra é parte integrante do tecido urbano ordinário da maioria das cidades brasileiras. O desafio projetual de ocupar estes lotes define alguns tipos recorrentes, entre os quais destacam-se aqueles cujo pátio assume um papel fundamental. Na arquitetura contemporânea brasileira, este arranjo tipológico vem assumindo diversos modelos¹, condicionados principalmente: pela topografia do lote, se plana ou íngreme; pela largura do lote, impondo que o edifício seja colado em uma ou mais divisas laterais; e pela extensão do programa de necessidades, decisivo na definição do número de pavimentos.

Apesar da casa com pátio não fazer parte da tradição luso-brasileira, as suas possibilidades de uso não são novas no cenário nacional. As discussões sobre o uso do pátio na arquitetura residencial ganharam força no Brasil a partir do século XX, com as possibilidades abertas pelo ecletismo e a aceitação de arquiteturas de inspiração hispano-americanas, como servem de exemplo casas paulistanas dos anos 30 de Bratke e Botti ou Moya e Malfatti (Figura 1), construídas nos bairros jardins que se proliferavam pela cidade. Entretanto, em São Paulo, as possibilidades foram ampliadas – em meio a uma discussão menos estilística e mais espacial – com a arquitetura moderna e esteve

profundamente ligada à tradição italiana. Cabe lembrar que o pátio foi recorrente no cenário moderno italiano, que buscava conciliar o vocabulário vernáculo-mediterrâneo com o clássico e o moderno. Ilustra este argumento o artigo que Gio Ponti publicou em 1953 na revista *Domus*, intitulado “Idea per la Casa dell dottor T a San Paolo”, em que aborda as dificuldades de consolidar casas com pátios em lotes estreitos e profundos e com edifícios colados nas divisas.

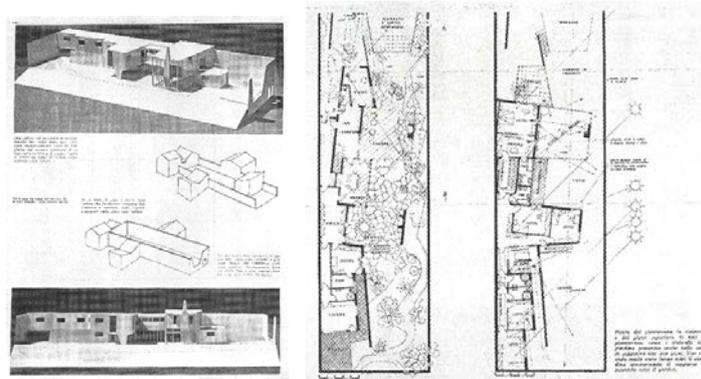
Figura 1: Casa de Moya e Malfatti, São Paulo, 1939.



Fonte: Wolff, Silvia. Jardim América. São Paulo: edusp/ Imprensa Oficial, p.288, 2001

Segundo Ponti, a configuração comum do lote paulistano condicionava duas tipologias: a ocupação de toda a largura do terreno, configurando dois jardins, um interno e um voltado para a rua; e a ocupação do inverso da fachada, com um jardim interno único. Como alternativa, propunha estabelecer dois grandes muros de divisa, um para apoiar diretamente a casa e outro para apoiar um jardim interno, como faz Barragan: “este espaço formado só de muro e de céu não é uma segregação, é um encanto” (PONTI, 1953). A partir desta solução, lançou volumes perpendiculares, estruturando duas alternativas: um volume que cria dois jardins ou dois volumes que criam três jardins. Em todas as soluções, os jardins são visíveis entre si através do fechamento da sala no térreo, feito por meio de grandes janelas ou da criação de pórticos e pilotis. (COSTA, 2011) (Figuras 2 e 3)

Figuras 2 e 3: propostas elaboradas por Gio Ponti publicadas na revista *Domus*.



Fonte: PONTI, Gio. “Idea per la Casa dell dottor T a San Paolo”, In revista *Domus*, Milão, n. 282, maio de 1953.

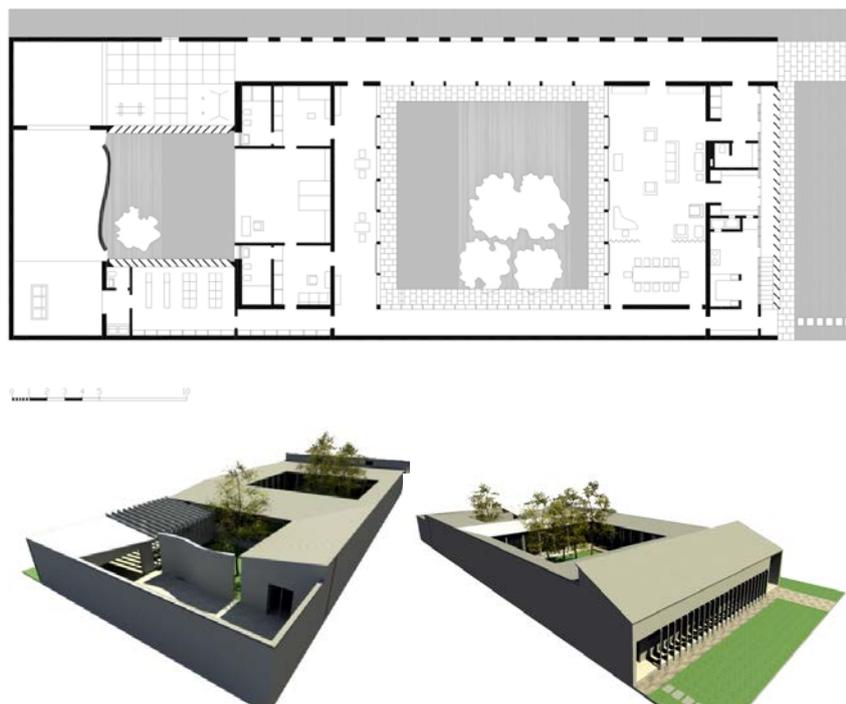


PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

O projeto de Ponti vinha ao encontro de experiências que outros arquitetos italianos vinham desenvolvendo em São Paulo naqueles anos, como as casas de Daniele Calabi e Giancarlo Pianti, das décadas de 1940 e 1950. Na produção de Calabi destacam-se três casas, o pavilhão Médici (1946), Calabi (1945-46) e Cremisini (1947). Em terreno plano, merece menção o pavilhão Médici (1946), nitidamente inspirada no pátio tradicional, com átrio e peristilo. Calabi organiza a casa em duas alas principais orientadas para dois pátios de natureza distintas, uma mais social e outra mais íntima. Há na casa uma evidente ambiguidade marcada por um eixo de acesso assimétrico e circulações internas tratadas simetricamente (Figuras 4, 5 e 6). Em terrenos íngremes, Calabi cria um pódio que apoia as alas das casas Calabi e Cremisini, tratadas de como se fossem térreas. Na primeira, duas alas conectadas por um pequeno hall definem a forma de um “L”, configurando assim um pátio, que é fechado artificialmente por um muro. Na segunda, duas alas paralelas são conectadas por um hall/circulação, que se abre para o pátio central. Em ambas, há uma ambiguidade entre a introspecção determinada pelo pátio e a extroversão com a qual o pátio e/ou a sala se ampliam com as visuais proporcionadas pela paisagem. (Figuras 7, 8, 9 e 10).

Figuras 4, 5 e 6: Pavilhão Médici, São Paulo, 1946, Daniele Calabi



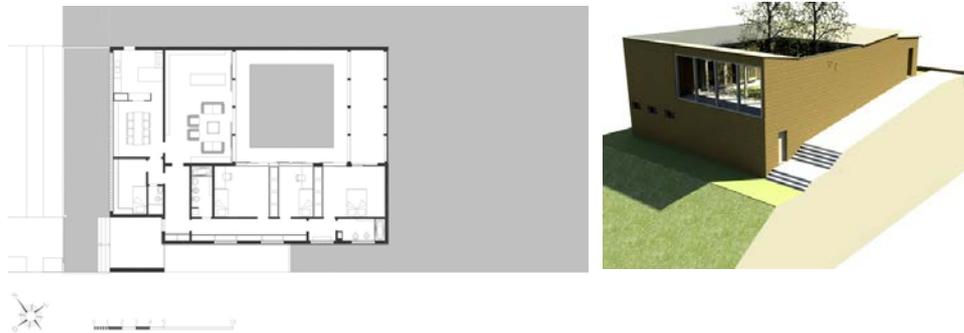
Fonte: Costa, 2011



PROJETAR - 2015

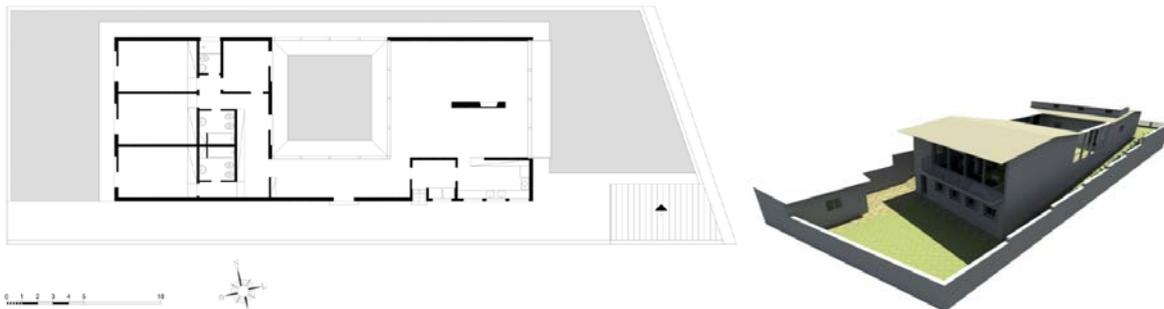
Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figuras 7 e 8: Casa Calabi, São Paulo, 1945-46, Daniele Calabi



Fonte: Costa, 2011

Figuras 9 e 10: Casa Cremisini, São Paulo, 1947, Daniele Calabi



Fonte: Costa, 2011

As experiências de Daniele Calabi no Brasil durante a década de 1940 tiveram continuidade com Giancarlo Piretti na década de 1950. Em terrenos planos, destacam-se duas casas desenvolvidas para uma construtora (1950) e, em terreno íngreme, a Residência Fontana (1955). Nos três casos observam-se alas em forma de “U”, que configuram pequenos pátios centrais e o descolamento dos recuos laterais, um dos quais destinado à garagem. As alas principais – social e íntima – são paralelas à rua e conectadas pela ala de serviço, cuja circulação se volta para o pátio interno. (Figuras 11 e 12). A casa Fontana, assim como em algumas das casas de Calabi, se apoia em um pódio que abriga elementos secundários do programa. (CORATO, 2004).

Simultaneamente às experimentações realizadas em solo brasileiro por arquitetos italianos, o pátio se fez também presente na produção residencial de arquitetos brasileiros em São Paulo, podendo ser destacados Rino Levi e Vilanova Artigas. Em lotes estreitos, Rino Levi projetou três casas que merecem menção: Rodrigues Alves (1950), Yara Bernedette (1954) e Castor Delgado Perez (1957). A

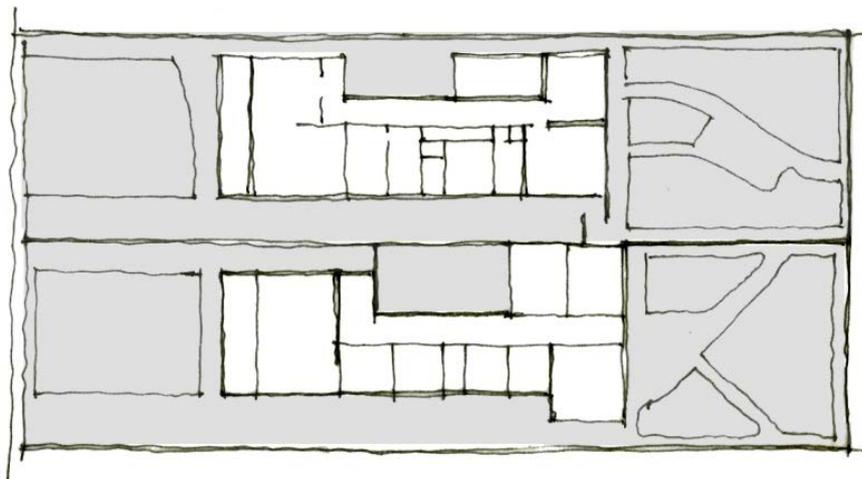


PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

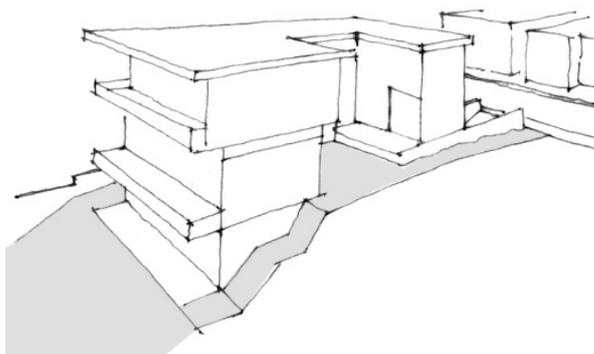
casa Alves, implantada em um terreno íngreme, foi organizada em três alas: de serviço, que é disposta em paralela à rua e apoia-se sobre pilotis, permitindo o acesso às outras duas alas, que ocupam uma cota de nível mais elevada; social e íntima, que são perpendiculares entre si, gerando pequenos pátios residuais e laterais (Figuras 13 e 14). Esta proposta resulta de um longo estudo, no qual o arquiteto explora diversos arranjos das alas sobre o lote (COSTA, 2011). Nas casas Bernedette e Perez, em lotes planos, Levi dispõe duas alas paralelas à rua, articuladas ao redor de um pátio central. Na primeira, apenas uma circulação conecta as alas, estando esta colada em uma das divisas do lote (Figuras 15, 16 e 17). Na segunda, Levi promove grandes transgressõesiii com relação ao arranjo mais tradicional: migra o setor de serviços para uma das alas laterais e para um volume sobre pilotis, disposto na parte frontal do terreno; a circulação principal ocupa a outra ala lateral; desenha-se um grande pátio central, que é invadido pelo setor social, fragmentando-o em dois pátios menores. (Figuras 18, 19 e 20).

Figura 11: Desenho esquemáticos das plantas das “Duas casas desenvolvidas para uma construtora”, São Paulo, 1950, Giancarlo Palanti



Fonte: desenho Marcio Cotrim

Figura 12: Desenho esquemático da casa Fontana, São Paulo, 1955, Giancarlo Palanti



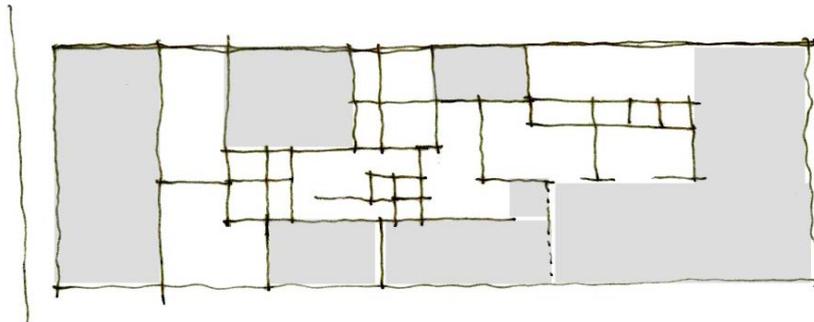


PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

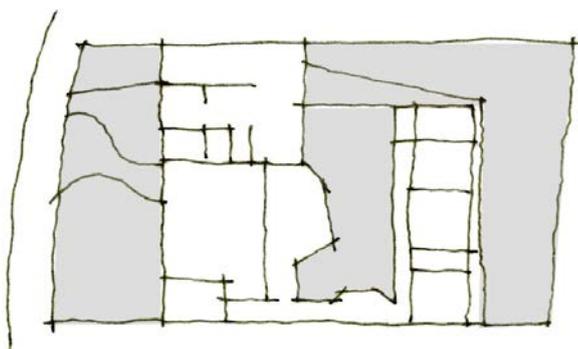
Fonte: desenho Marcio Cotrim

Figuras 13 e 14: Desenho esquemático da planta baixa e perspectiva da casa Rodrigues Alves, São Paulo, 1950, Rino Levi



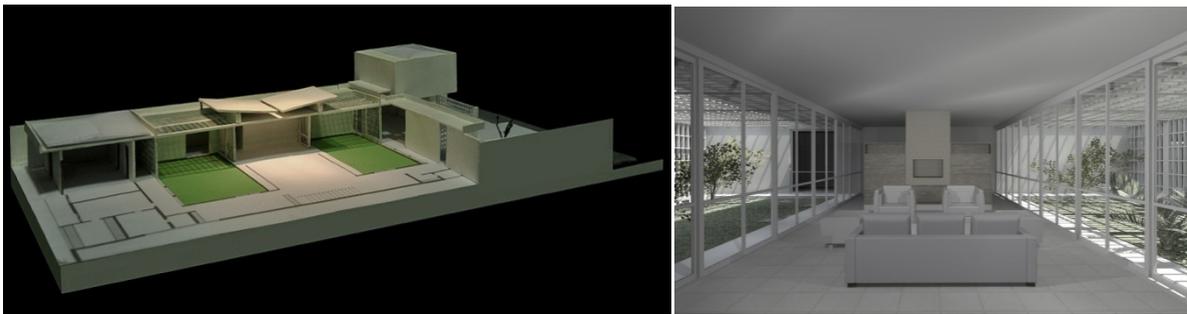
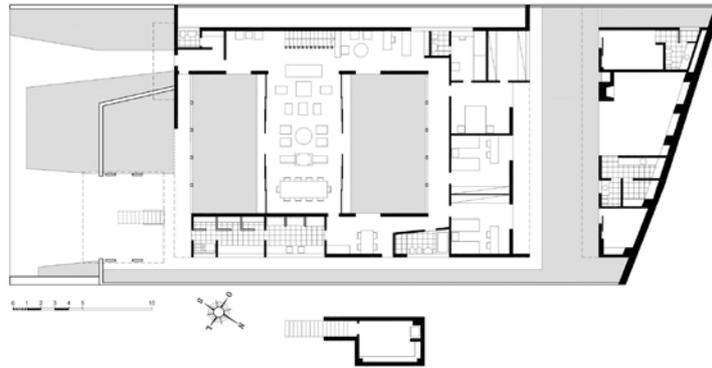
Fonte: (desenho) Marcio Cotrim, (perspectiva) Costa, 2011

Figuras 15, 16 e 17: Desenho esquemático da planta baixa e perspectivas internas e externas da casa Yara Bernedette, São Paulo, 1954, Rino Levi



Fonte: (desenho) Marcio Cotrim, (perspectivas) Costa, 2011

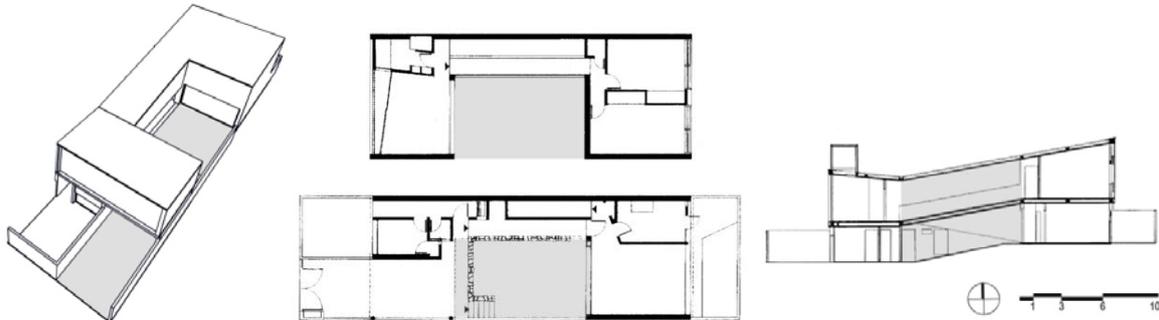
Figuras 18, 19 e 20: planta baixa, maquete e perspectivas interna da casa Castor Delgado Perez, São Paulo, 1954, Rino Levi



Fonte: (planta e maquete) LPPM-UFPB, (perspectivas) Costa, 2011

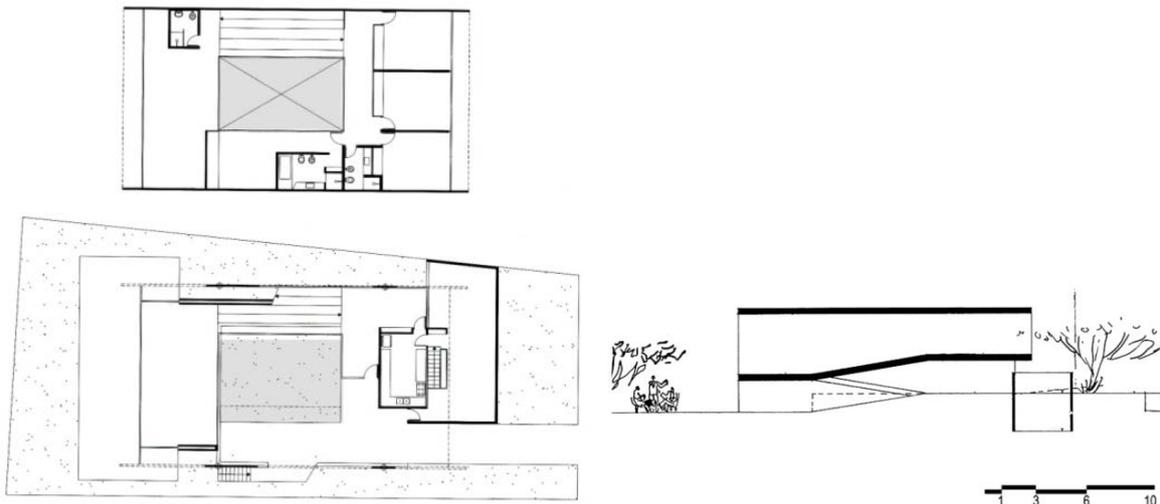
No caso de Artigas, dentre muitas outras, duas casas merecem destaque: a Geraldo D'Estefani (1950) e a Mario Taques Bitencourt II (1959). Em ambas, duas alas paralelas à rua e em diferentes níveis são conectadas por um conjunto de rampas. Na primeira, a natureza aditiva da composição se faz mais explícita (Figuras 21 e 22), ao passo que, na segunda, as alas são articuladas por duas empenas cegas (com função estrutural) que conferem um caráter compacto à composição (Figura 23). Nesta segunda ainda se observa que a ala de serviço migra para uma das laterais, como Levi veio a fazer na casa Perez (1957). Nas duas casas, a distância que separa as alas paralelas é a necessária para que a rampa vença os diferentes níveis nos quais o programa foi organizado, operação que determina um pátio delimitado por três lados definido pelas rampas e pelas duas alas. Na casa D'Estefani (1950), o fechamento completo do pátio se dá por meio do muro que separa os lotes, enquanto na casa Bitencourt II (1959), a empena que substitui as vigas e pilares assume este papel. Em termos gerais, esta solução se aproxima muito das utilizadas por Calabi, nas casas Cremisini e Fontana.

Figuras 21 e 22: Casa Geraldo D'Estefani, São Paulo, 1950, Vilanova Artigas



Fonte: (perspectiva) Marcio Cotrim, (plantas) Ferraz, 1997 (editadas)

Figura 23: Casa M. T. Bittencourt, São Paulo, 1959, Vilanova Artigas



Fonte: (plantas) Ferraz, 1997 (editadas)

Da observação destas onze casas, todas construídas nas décadas de 1940 e 1950, é possível destacar algumas soluções recorrentes:

- **Quanto às relações das alas e os limites dos lotes:** em cinco casas, as alas tocam em uma ou duas divisas laterais do lote^{iv}; em outras seis são mantidos os recuos laterais^v. A estratégia de colar o edifício nas divisas não deriva necessariamente da largura do lote, mas também das pressões da extensão do programa de necessidades e da possibilidade de organizá-lo em um ou dois pavimentos. O afastamento lateral pode garantir a iluminação e ventilação natural dos ambientes que migram para alas laterais ou o espaço para a garagem (REIS ALVES; COSEN, 2004; GONSALES, 2001)



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

- **Quanto à topografia:** no caso de terrenos íngremes, em três casas foram criadas plataformas que apoiam o programa principal^{vi}; uma delas define uma ala em pilotis, garantindo a passagem para outro nível^{vii}; e duas articulam alas em níveis intermediários^{viii}.
- **Quanto ao zoneamento e arranjo espacial:** com exceção dos projetos de Palanti, o zoneamento coincide com alas/volumes independentes, facilitando a geração de pátios diversos. O arranjo do setor íntimo sofre maiores variações em relação à disposição dos banheiros: entre os quartos; entre a circulação e os quartos; na periferia da circulação íntima.
- **Quanto ao acesso e circulação:** em quatro casas as circulações periféricas conectam alas independentes e paralelas à rua^{ix}; outras três casas possuem áreas de serviço em uma ala lateral que, juntamente com as circulação, conectam as alas principais^x; em duas casas, as áreas de serviço migram para uma ala lateral e outra ala paralela faz o papel de elemento conector principal entre as outras alas principais^{xi}. Na maioria das casas, os acessos são assimétricos e se articulam diretamente com a ala lateral que assume papel de circulação. (CAPITEL, 2005; MARTINEZ, 2000; RECASENS, 1997)
- **Quanto à espacialidade:** o pátio, na maioria das casas, é a extensão visual e/ou física do estar e das circulações, estando os quartos orietados para o recuo frontal ou posterior do lote. Assim, na grande maioria dos casos, o pátio efetivamente se estabelece como centro compositivo e estruturador da forma do projeto. (CORNOLDI,1999)

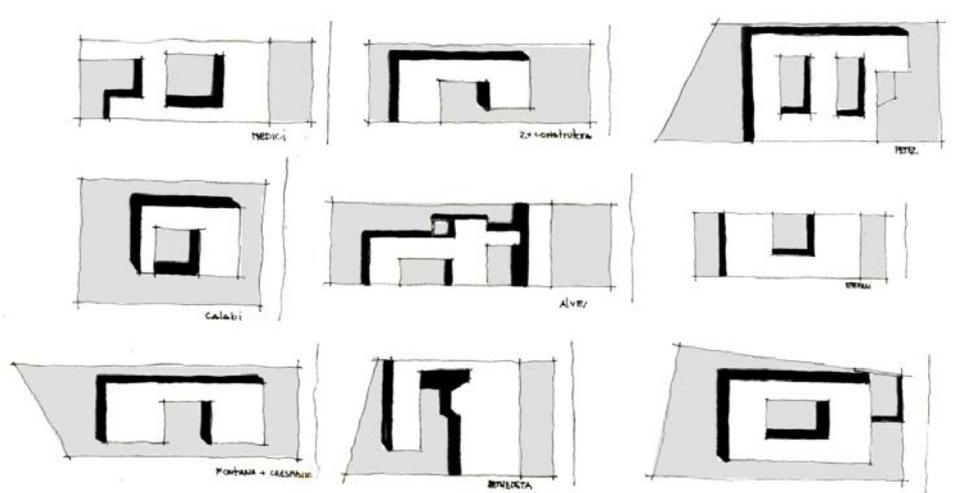
Estas soluções recorrentes e os arranjos tipológicos delas derivados nos anos 1940 e 1950 (Figura 24) sedimentaram operações nas quais o pátio assumiu papel fundamental. Como hipótese, acredita-se que essas soluções ressonem na arquitetura produzida hoje no Brasil por jovens arquitetos, tal como será discutido a seguir.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figura 24: Diagramas das casas Medici (1946), Bernette (1954), Alves (1950), Perez (1957); D'Estefani (1950), Calabi (1945-46), Cremisini (1947), Casas para a construtora (1950), Fontana (1955), Bitencourt II (1959).



Fonte: desenho Marcio Cotrim

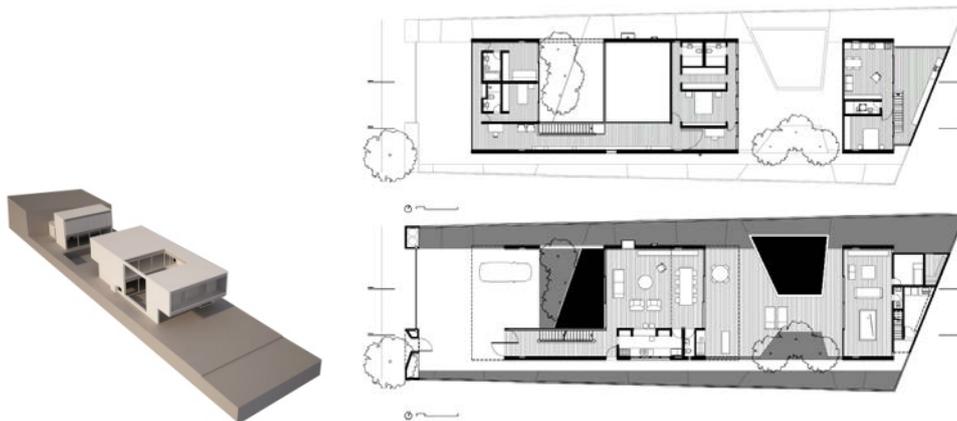
A CASA (com) PÁTIO CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA

A seleção em 2010, nas páginas da revista AU, de 25 escritórios brasileiros como representantes da “nova geração da arquitetura brasileira”, serviu de ponto de partida para a definição de uma amostragem possível do novo cenário da arquitetura residencial unifamiliar no país. Cabe destacar que a arquitetura residencial unifamiliar destinada às classes média-alta e alta é a pauta predominante destes escritórios. Foram destacados treze projetos elaborados após o ano 2000 para lotes de meio de quadra, estreitos e compridos.

Em terrenos com topografia plana, volume compacto e circulação periférica conectando duas alas, destacam-se as casas Bacopari (2010-2012), do grupo Una, e a JH (2007-2008), de Jacobsen Arquitetos (Figuras 25, 26, 27 e 28). Em ambas, duas alas são dispostas paralelamente à rua, estando conectadas por uma ala periférica, mais estreita, na qual se localiza a circulação horizontal e vertical, arranjo que, como visto, foi bastante explorado nos anos 1950 e 1960. O conjunto volumétrico de ambas as casas é compacto, estando afastado das divisas laterais na primeira e colado na divisa, na segunda. Na casa Bacopari, o zoneamento é organizado por níveis, mantendo o setor íntimo disposto no pavimento superior das duas alas e os quartos com a mesma orientação solar. Na JH, os quartos ocupam só o pavimento superior de uma das alas. Mezaninos nas alas sociais das duas casas dilatam a relação visual da casa com o pátio central, estratégia também comum desde os anos 1950. Nas

duas situações, o pátio delimitado pelas três alas define o ritmo: interior/exterior/interior, presente, muito em particular em algumas das casas de Calabi e Palanti.

Figuras 25 e 26: Casa Bacopari, São Paulo, 2010-2012, UNA arquitetos



Fonte: <http://www.unaarquitetos.com.br>

Figuras 27 e 28: Casa JH, São Paulo, 2007-2008, Jacobsen arquitetos



Fonte: <http://www.jacobsenarquitetura.com>

Uma significativa variação pode ser observada nas casas AR (2002-2003), dos Arquitetos Associados e na Rubi (2006), de Frederico Zanelato (Figuras 29, 30, 31 e 32). Nos dois casos, a ala de circulação horizontal e vertical, que conecta as outras duas, se desloca do alinhamento lateral (com relação à alas paralelas à rua), fragmentando o pátio central em dois vãos. Esse deslocamento compromete a integridade do pátio em favor de definição de um acesso e de uma linha circulatória mais centralizada em relação à testada frontal do lote. No entanto, esta estratégia permite, hierarquizar os usos dos dois pátios, configurando uma solução incomum quando temos como referência os exemplos dos anos 1940/1950 utilizados neste texto.



PROJETAR - 2015

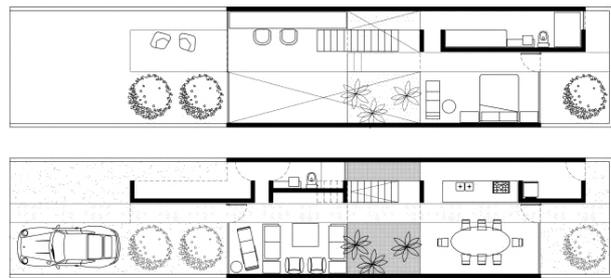
Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo: ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figuras 29 e 30: Casa AR, Barueri, SP, 2002-2003 Arquitetos Associados



Fonte: <http://www.arquitetosassociados.arq.br>

Figuras 31 e 32: Casa Rubí, Mogi das Cruzes, SP, 2006, Arquitetos Frederico Zanelato



Fonte: <http://www.fredericozanelato.com>

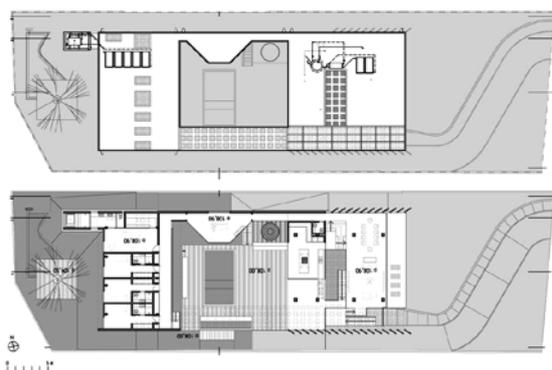
Em situações de terrenos íngremes, observa-se, de modo recorrente, a solução do pátio configurado por duas alas paralelas em relação à rua, sendo mantida a integridade de um volume compacto. Entretanto, quando comparadas com os terrenos planos, esses arranjos sofrem três variações: a) configuração de uma plataforma regularizadora do terreno e arranjo das partes principais da casa em um único pavimento, como visto em Calabi; b) organização de blocos em níveis intermediários, como se observa nos projetos de Artigas; c) tentativa de dissimulação do volume na topografia do terreno por meio de um procedimento mimético, no qual o volume compacto é “encravado” no active. Com raras exceções, essa solução foi pouco explorada na cidade de São Paulo nos anos 1940 e 1950. Também nestes casos são mantidas quase todas as estratégias observadas nos projetos anteriores.

A Residência NB (2007-2010), dos Arquitetos Associados, e a Casa Porto do Sol (2010), do Mapa Arquitetura (Figuras 33, 34, 35 e 36), representam o primeiro grupo. Na primeira, um pódio apoia a ala do setores social e de serviços, e a ala do setor íntimo se apoia diretamente sobre o terreno, com os quartos voltados para os fundos do lote. A volumetria compacta é definida por um vigamento, tal

como Calabi desenvolve na Casa Cremisini. Na casa Porto do Sol, a plataforma regularizadora ocupa parte do térreo, deixando livre a passagem sob a ala frontal, que abriga o setor íntimo. Transposta essa passagem, uma escada conduz à ala social, disposta na parte posterior do lote e em uma cota de nível mais elevada, solução esta que pode remeter ao arranjo observado na casa Alves de Rino Levi. Nas duas casas, as alas periféricas que conectam os setores apresentam pequenas variações: na primeira, a ala absorve apenas a circulação e, na segunda, além da circulação, os banheiros.

Com blocos em níveis diferentes merece menção as casas Yamanda (2002 - SIAA Arquitetos), Biovilla Pátio (2012 - Arquitetos Associados), e Casa Tibau (2011 - Yuri Vital) (Figuras 37, 38, 39, 40 e 41). Nelas, observa-se duas alas paralelas à rua, conectadas por rampas ou escadas. Em todos os casos, as casas não se colam nas divisas laterais do lote, mesmo havendo a sugestão de um volume introspectivo e de empenas laterais cegas. Como observado nos exemplos dos anos 1940/1950, salas e circulações se relacionam visualmente com os pátios internos e os quartos se voltam para a parte posterior ou frontal do lote. Diferente da casa Bitencourt II, de Artigas, o pátio, inserido no volume primático, não é coberto, garantindo o “godere il cielo”. Cabe observar que na Biovilla a topografia é alterada artificialmente, a fim de gerar um pequeno subsolo e, na Casa Tibau, o desnível do terreno é manipulado, gerando taludes na parte frontal e posterior do lote, a fim de implantar a casa num grande platô. Mesmo neste grande platô desta última, os meio-níveis são explorados, gerando um pé-direito mais alto na sala e dilatando o pátio através de pilotis.

Figuras 33 e 34: Casa NB, Nova Lima, MG, 20067-2010 Arquitetos Associados



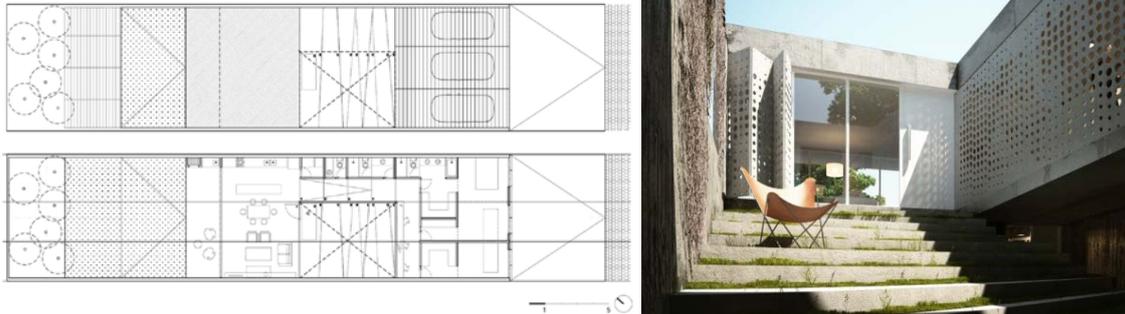
Fonte: <http://www.arquitetosassociados.arq.br>



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Figuras 35 e 36: Casa Porto do Sol, Porto Alegre, 2010, MAPA



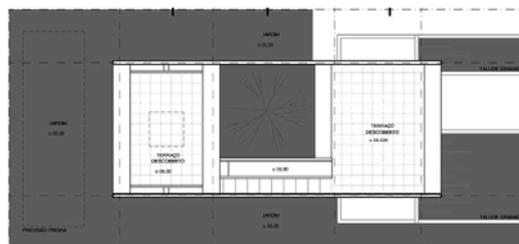
Fonte: <http://mapaarq.com>

Figura 37: Casa Yamada, Barueri, SP, 2002-2004, SIAA arquitetos



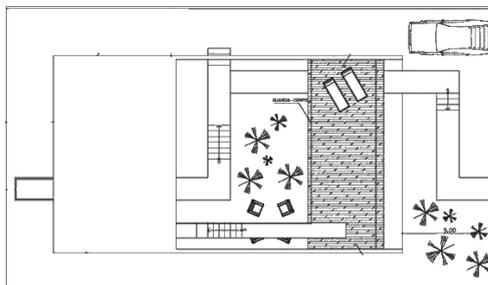
Fonte: <http://www.siaa.arq.br/>

Figuras 38, 39 e 40: Casa Biovilla pátio, MG, 2012, Arquitetos Associados



Fonte: <http://www.arquitetosassociados.arq.br/>

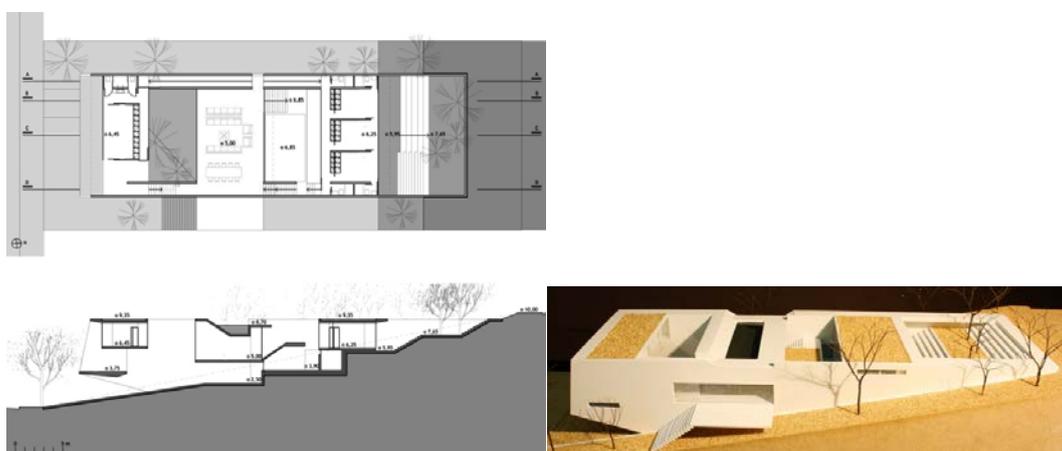
Figuras 41: Casa Tibau, MG, 2011, Yuri Vital



Fonte: <http://www.yurivital.com>

Diferente das soluções anteriores, a Casa Brasileira 2 (2011), dos Arquitetos Associados, e a Casa em Itu (2011), do Una Arquitetos (Figuras 42, 43 e 44) buscam mimetizar seus volumes na topografia íngreme. Sem aberturas nas laterais do volume, pátios são moldados para iluminar e ventilar os ambientes e a cobertura assume o papel de um grande terraço-mirante. Na primeira casa, observa-se um volume disposto perpendicularmente à curva de nível, dois pátios dispostos na sequência longitudinal do volume e duas circulações periféricas, que conectam os pavimentos dispostos em níveis diferentes. No térreo, a configuração de um dos pátios sofre variações espaciais, derivadas da topografia íngreme e do deslocamento das lajes dos pavimentos superiores. (Figura 10a). Na segunda casa, o volume se coloca mais paralelo às curvas de nível e uma rigorosa grelha regula a disposição de quatro pátios, alguns que iluminam apenas o pavimento superior e outros que interpenetram os dois pavimentos. O arranjo espacial é dinâmico e não obedece aos esquemas tipológicos observados nos exemplos dos anos 1940/1950.

Figuras 42 e 43: Casa Brasileira 2, MG, 2011, Arquitetos Associados



Fonte: <http://www.arquitetosassociados.arq.br>

Figura 44: Casa em Itú, SP, 2011, UNA arquitetos



Fonte: <http://www.unaarquitetos.com.br>

Duas casas do grupo SPBR ainda merecem menção pelo modo em que o terreno é tratado, provocando tensões tridimensionais até então pouco exploradas na arquitetura brasileira. Na Casa em Ribeirão Preto (2000-2001), o pátio é elevado em relação à rua por uma plataforma (Figuras 45 e 46). Na Casa e Salão de beleza (2007-2012), o pátio é explorado apenas no pavimento superior, apoiando-se sob a laje do pavimento inferior, que é rebaixado em relação à rua (Figuras 47 e 48). Nas duas casas, observa-se um arranjo em "U", estando o setor de serviços e o hall disposto na ala que conecta a ala social e a íntima. Na primeira casa, o arranjo dos quartos obedece a uma mesma orientação solar, o que é ignorado na segunda casa.

Figuras 44 e 45: Casa em Ribeirão Preto, SP, 2000-2001, SPBR arquitetos



Fonte: <http://www.spbr.arq.br/>

Figuras 46 e 47: Casa e salão de beleza em Orlandia, SP, 2007-2012, SPBR arquitetos



Fonte: <http://www.spbr.arq.br/>

Da análise deste universo de treze casas^{xii} projetadas e construídas nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul^{xiii}, depois dos anos 2000, destacam-se várias soluções comuns, experimentadas nos anos 1940 e 1950, ao menos no que diz respeito às obras de Calabi, Palanti, Levi e Artigas, e desenvolvidas predominantemente na cidade de São Paulo. Dentre estas soluções podem ser agrupadas:

- **Quanto às relações das alas e os limites dos lotes:** de modo recorrente, a maioria das casas (09) não tocam os limites laterais do terreno, apesar dos volumes, em um número de casos significativos, serem definidos lateralmente por empenas cegas ou parcialmente cegas, uma clara alusão à solução utilizada por Artigas a partir da segunda metade dos anos 1950. Nestes casos com recuos laterais podem se justificar por diversas razões: imposições legais; necessidade de garantir a iluminação e ventilação de ambientes de permanência provisória, que migram para a periferia lateral do volume; e necessidade de criar um acesso direto ao recuo posterior do lote. Estes recuos se viabilizam também porque, na maioria dos casos, o programa se organiza em dois pavimentos, o que reduz a projeção horizontal das casas. Ocupando os limites laterais de lotes muito estreitos, destacam-se a Casa Rubi (Frederico Zanelatto - 2006) e a Casa Porto do Sol (Mapa - 2010)



PROJETAR - 2015

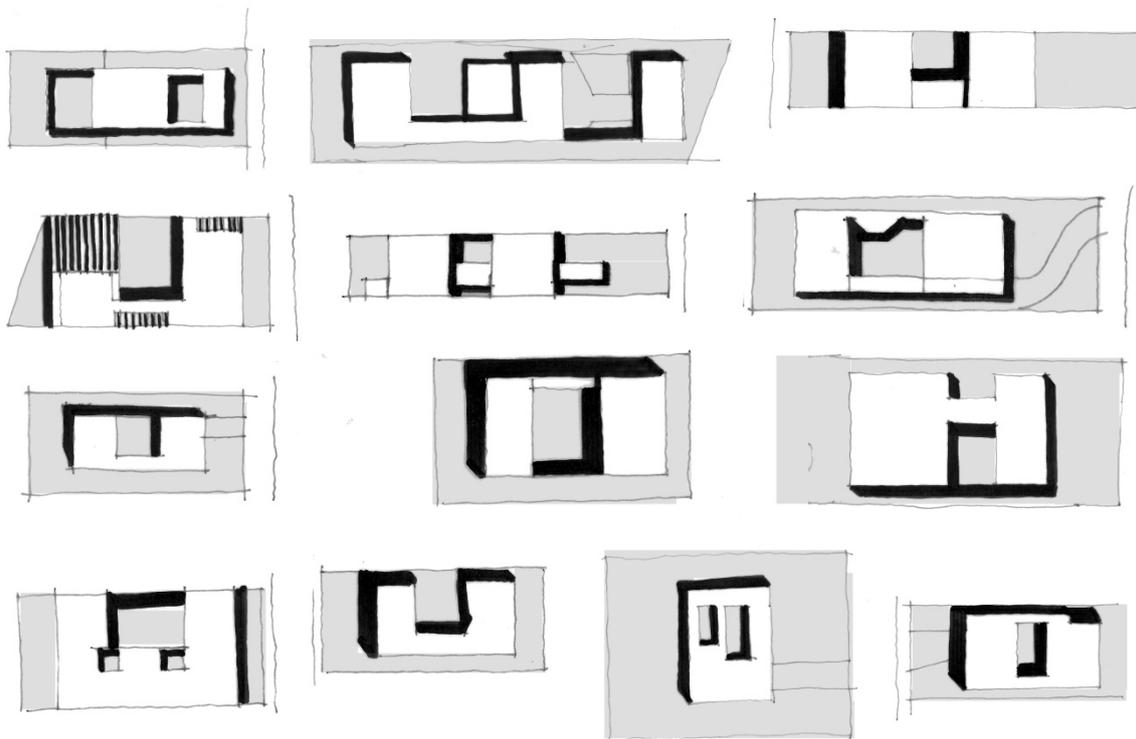
Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

- **Quanto à topografia:** em terrenos íngremes, uma única casa define uma plataforma regularizadora, na qual se apoia a maior parte do programa, assim como foi visto em Calabi^{xiv}; em outra casa, uma ala em pilotis garante a passagem para outro nível, como na casa de Levi^{xv}; e em outras três, as alas são articuladas em níveis intermediários e o programa organizado dentro de um invólucro volumétrico pré-definido, como nas soluções de Artigas^{xvi}. Como contraponto aos arranjos até então também explorados nos anos 1940 e 1950, merecem menção quatro casas: duas delas "mimetizadas" na paisagem^{xvii} e duas nas quais os pátios resultam da manipulação de níveis no terreno^{xviii}, observando nestas últimas arranjos tridimensionais que transgridem aos esquemas vistos na primeira parte deste texto e que se consolidaram em torno à ideia de arquitetura moderna brasileira.
- **Quanto ao zoneamento e arranjo espacial:** apenas na casa Bacopari (2011-2012 - Una Arquitetos) e na Casa AR (2002-2003 - Arquitetos Associados), o setor íntimo ocupa todo o segundo pavimento, estabelecendo assim um zoneamento por níveis. Nas demais, o zoneamento se dá por alas isoladas, seja ela organizada em um pavimento, em dois pavimentos ou em níveis intermediários. O arranjo do setor íntimo sofre maiores variações em relação aos exemplos dos anos 1940 e 1950, quando eram recorrentes as soluções com os banheiros entre os quartos. Atualmente, as soluções em que os banheiros se internalizam nas plantas, liberando circulações e quartos para as visuais do pátio, são observadas com mais frequência^{xix}. Além disso, observa-se os seguintes arranjos: linha de banheiros separada dos quartos pela circulação^{xx}; banheiros dispostos na sequência dos quartos, provocando circulações em suite^{xxi}; e banheiros dispostos nos extremos longitudinais da ala íntima^{xxii}.
- **Quanto ao acesso e circulação:** são identificados dois arranjos principais com relação à circulação: 1) na periferia do lote, como circulação isolada ou associada à área de serviço, cozinha e banheiros, conectando as alas social/serviço e íntima, dispostas paralelamente em relação à rua^{xxiii}; 2) numa posição mais centralizada no lote, fragmentando o pátio^{xxiv}. Apenas as casas Itu e Tibau possuem conexões dinâmicas, que fogem aos padrões identificados.

Quanto à espacialidade: assim como nas casas dos anos 1940 e 1950 expostas na primeira parte deste texto, na maioria das treze casas contemporâneas comentadas, o pátio é a extensão visual e/ou física do estar e, em alguns casos, também das circulações. Trata-se, portanto, de pátios que efetivamente se estabelecem como centros compositivos dos projetos, com exceção da Casa Itu,

em que os pátios são artifícios que garantem a iluminação e ventilação necessária, definindo padrões espaciais dinâmicos e imprevisíveis.

Figura 49: Diagramas das casas em Ribeirão Preto (Ribeirão Preto, SP. 2010); Casa e Salão de beleza em Orlandia (Orlândia, SP. 2007); Casa em Itu (2011); Bacopari (São Paulo-SP. 2010-2012); Rubi (Mogi das Cruzes-SP. 2006); Yamada (Barueri-SP. 2002); JH (São Paulo-SP. 2007-2008); Biovilla Pátio (Jaboticabas-MG. 2012); Casa Brasileira 2 (Reserva Real - 2011); Residência NB (Nova Lima-MG. 2007); AR (Barueri-SP. 2002-2003); Casa Porto do Sol (Porto Alegre-RS. 2010).



Fonte: desenho Marcio Cotrim

A CASA COM PÁTIO BRASILEIRA: TRADIÇÃO, HERANÇA, RECORRÊNCIA E INOVAÇÃO

Os esquemas e as classificações propostas sugerem que as questões colocadas no início deste texto são pertinentes, na medida que identificam na arquitetura residencial unifamiliar produzida hoje no Brasil por jovens arquitetos ressonâncias de algumas das soluções divisadas nos anos 1940, 1950 nas quais o pátio assumiu papel fundamental. Particularmente no modo de ocupar a parcela, no nexo entre as diferentes partes e setores ou ainda pela forma de relacionar interior e exterior.

De modo sintético, consolida-se um esquema com duas alas paralelas em relação à rua, conectadas por uma circulação periférica, que pode estar vinculada ao setor de serviços ou aos banheiros. Estas alas organizam os setores íntimo e social-serviços, cujos ambientes – estar e



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

circulação – interação física e visualmente com o pátio, formado pela disposição das três alas. O pátio, tanto nos anos 1940 e 1950, assim como nos últimos 20 anos, condicionado pelo tipo de parcela e pela extensão dos programas exigidos por determinados extratos sociais mais altos, é o centro que organiza a composição da casa, o centro que promove a privacidade doméstica e que proporciona uma vida em intensa relação com o exterior,

Contudo, o conjunto de obras exposto revela outro escopo de soluções que podem ser muito valiosas ao ensino e prática do projeto. Certas transgressões do esquema descrito anteriormente potencializam as possibilidades visuais e espaciais: como na manipulação topográfica, observada nas casas Brasileira 2 e Itú; na articulação de níveis das casas do SPBR; no uso de mezaninos nas salas; na vinculação dos pátios com terraços; bem como através do uso de um jogo de lajes nos seus limites verticais. Finalmente, o pátio segue tendo um papel essencial na definição do projeto, no entanto, atualmente, por meio dos exemplares selecionados, pode-se afirmar que suas dimensões horizontais e verticais se multiplicaram e os seus limites se tornaram imprecisos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANELLI, Renato Luiz Sobral; GUERRA, Abílio; KON, Nelson. *Rino Levi. Arquitetura e Cidade*. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2001.
- CAPITEL, Antón. *La arquitectura del patio*. Barcelona: Gustavo Gili, 2005.
- CORNOLDI, Adriano. *Arquitectura de la vivienda unifamiliar: manual del espacio domestico*. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.
- COSTA, Ana Elísia. *O Gosto pelo Sutil. Confluência entre as Casas-Pátio de Daniele Calabi e Rino Levi*. Tese (Doutorado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- _____. “Processo e produto: documentação e análise das obras de Daniele Calabi e Rino Levi”. In: *Anais do Segundo Encontro Ibero Americano Arquitetura e Documentação*, 2011, Belo Horizonte. Belo Horizonte: Instituto de Estudos do Desenvolvimento Sustentável, 2011.
- COTRIM, Marcio; GUERRA, Abilio. “Entre o pátio e o átrio. Três percursos na obra de Vilanova Artigas”. *Arquitextos*, São Paulo, ano 13, n. 150.01, *Vitruvius*, nov. 2012 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.150/4591>>.
- CORATO, Aline Coelho Sanches. *A obra e a trajetória do arquiteto Gian-carlo Palanti: Itália e Brasil*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2004.
- FERRAZ, Marcelo Carvalho; PUNTONI, Álvaro; PIRONDI, Ciro; LATORRACA, Giancarlo; ARTIGAS, Rosa (Orgs.). *Vilanova Artigas. Série Arquitetos Brasileiros*, São Paulo, Fundação Vilanova Artigas, Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1997
- GONSALES, Célia Helena Castro. “Residência e cidade. Arquiteto Rino Levi.” *Vitruvius*, São Paulo, jan. 2001. Disponível em: <http://vitruvius.es/revistas/read/arquitextos/01.008/939>. Acesso em: jun. 2006.
- MARTINEZ, Alfonso Corona. *Ensaio sobre o projeto*. Brasília: UNB, 2000.
- MONEO, Rafael. *La solitudine degli edifici e altri scritti. Questioni intorno all'architettura*. Torino: Umberto Allemandi & C., 1999.
- PONTI, Gio. “Idea per la Casa dell dottor T a San Paolo”, In Revista *Domus*, Milão, n. 282, maio de 1953.
- RECASENS, Gonzalo Díaz. “La tradición del patio en la arquitectura moderna”. *DPA 13*, Barcelona, 1997. Disponível em: <<http://www.edicionsupc.es/ftppublic/pdfmostra/AR04801M.pdf>>. Acesso em: mar. 2009.
- REICHILIN, Bruno. “Tipo e tradizione del Moderno”. *Casabella*, Milano, n. 509510, p. 3239, gennaio/febbraio1985.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

REIS ALVES, Luiz Augusto dos; COSEN, Carlos Alberto Nunes. "O que é o pátio interno?" *Cadernos do PROARQ*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 08, p. 1–203, dez. 2004.

ROSSI, Aldo. *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

WOLFF, Sílvia. *Jardim América*. São Paulo: Edusp/ Imprensa Oficial, 2001



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

ⁱ O conceito de tipo tratado neste trabalho é o clássico, elaborado por Quatremère de Quincy no final do século XVIII. Para ele, o tipo é um conceito capaz de elucidar a razão “oculta” da arquitetura, tendo como base a natureza da obra e a satisfação estética. Assim, a ideia de tipo se aproxima de um ideal platônico, “[...] algo permanente e complexo, um enunciado lógico que está antes da forma e que a constitui” (ROSSI, 1995, p.25). 5). Essa razão oculta manifesta-se através da permanência de determinadas características dos edifícios ao longo da história.

Como algo abstrato, o tipo não pode ser confundido com o modelo, passível de ser materializado e repetido; é, em vez disso, um princípio que serve de regra para um grupo de modelos ao longo do tempo (MONEO, 1999). De modo mais claro, Aldo Rossi esclarece: “É como uma espécie de núcleo em torno do qual se aglomeravam e se coordenavam em seguida os desdobramentos e as variações de formas de que o objeto era suscetível.” (ROSSI, 1995, p. 26).

ⁱⁱ Construtora Segre e Racz e Aron Wolf Runin e Holzer.

ⁱⁱⁱ A transgressão aqui é entendida como uma operação “transformação tipológica”, O arquiteto começa a trabalhar associando um tipo ao seu projeto e, na sequência, intervém sobre esse tipo, seja respeitando-o, destruindo-o ou transformando-o, através de deformações e sobreposições de tipos diferentes ou de fragmentos de tipos. Assim, a estrutura tipológica é tensionada e não conduz a uma única estratégia formal. (MONEO, 1999; MARTÍ ARÍS, 1993)

^{iv} Ponti (1953); Medici (1946); Bernette (1954); Alves (1950); D’Estefani (1950).

^v Calabi (1945-46); Cremisini (1947); Casas para a construtora (1950); Fontana (1955); Bitencourt II (1959); Perez (1957).

^{vi} Calabi (1945-46); Cremisini (1947); Fontana (1955)

^{vii} Alves (1950).

^{viii} D’Estefani (1950); Bitencourt II (1959).

^{ix} Medici (1946); Cremisini (1947); Bernedette (1954); D’Estefani (1950).

^x Casas desenvolvidas para a construtora (1950); Casa Fontana (1955);

^{xi} Casas Perez (1957); Bitencourt II (1959).

^{xii} SBPR (São Paulo-SP): Casa em Ribeirão Preto (Ribeirão Preto, SP. 2010); Casa e Salão de beleza em Orlândia (Orlândia, SP. 2007),/UNA Arquitetos (São Paulo): Casa em Itu (2011); Bacopari (São Paulo-SP. 2010-2012) /Frederico Zanelato (Mogi das Cruzes-SP): Rubi (Mogi das Cruzes-SP. 2006),/SIAA Arquitetos: Yamanda (Barueri-SP. 2002)/Berbarndes e Jacobsen (Rio de Janeiro-RJ): JH (São Paulo-SP. 2007-2008),/Arquitetos Associados (Belo Horizonte-MG): Biovilla Pátio (Jaboticabas-MG. 2012); Casa Brasileira 2 (Reserva Real - 2011); Residência NB (Nova Lima-MG. 2007); AR (Barueri-SP. 2002-2003)/ Mapa Arquitetura (Porto Alegre): Casa Porto do Sol (Porto Alegre-RS. 2010).

^{xiii} Possivelmente a única exceção é a Casa Tibau (Yuri Vital), provavelmente projetada para a Tibau do Sul no RN.

^{xiv} NB (2007).

^{xv} Porto do Sol (2010).

^{xvi} Yamanda (2002); Biovilla Pátio (2012); Tibau (2011).

^{xvii} Brasileira 2 (2011); Itu (2011).

^{xviii} Ribeirão Preto (2010); Casa e Salão de beleza (2007).

^{xix} Bacopari (2010-12); JH (2007-2008); AR (2002-2003); NB (2007).

^{xx} Yamanda (2002); Itu (2011); Ribeirão Preto (2010).

^{xxi} Tibau (2011).

^{xxii} Rubi (2006); Casa Brasileira 2 (2011); Yamanda (2002).

^{xxiii} Bacopari (2011-12); JH (2007-2008); NB (2007); Yamanda (2002); Biovilla (2012); Brasileira 2 (2011); Ribeirão Preto (2010); Porto do Sol (2010).

^{xxiv} AR (2002-2003); Rubi (2006);